

As mulheres e os movimentos dos sem-teto no Brasil: análise das relações sociais de classes e sexos

Nathalia C. Oliveira*

Resumo:

Constatado que grande parte das bases sociais dos movimentos dos sem-teto é composta por mulheres, surgem importantes questões como: Quem são estas mulheres sem-teto? São trabalhadoras? São mães? São jovens? São negras? Por que existem tantas mulheres participando dos movimentos dos sem-teto? Como elas veem a luta pela moradia e sua participação dentro dos movimentos?

Discutiremos, portanto, algumas destas questões, pautando a pertinência de uma análise das relações sociais de classes e de sexos para se compreender os movimentos dos sem-teto brasileiros.

Palavras-chave: Sem-teto. Mulheres. Classes sociais. Movimentos sociais.

Women and the roofless movement in Brazil: An analysis of social class and sex relations

Abstract:

The fact that much of the social base of the roofless movement consists of women gives rise to important questions, such as: Who are the roofless women? Are they workers? Are they mothers? Are they youths? Are they black? Why do so many women participate in the roofless movement? How do they view the struggle for housing and their participation in these movements? We discuss some of these questions, using an analysis of social relations of class and gender to understand the Brazilian roofless movement.

Keywords: Roofless. Woman. Social classes. Social movements.

Introdução

Não é rara a afirmação, por parte das lideranças dos movimentos dos sem-teto das décadas de 90 e 2000, de que a maior parte de suas bases é composta

*Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas, bolsista Capes e membro do grupo de pesquisa “Neoliberalismo e relações de classes”, alocado ao Cemarx (Centro de Estudos Marxistas). Atualmente, faz parte da equipe da pesquisa “Conflitos sociais, trabalho e política. O Brasil e a França na mundialização neoliberal”, financiada pelo Convênio Capes-Cofecub. End. eletrônico: natholiveira2004@yahoo.com.br

por mulheres. Esta constatação vem sendo apresentada também em diversas pesquisas acadêmicas (Verri, 2008; Aquino, 2009; Oliveira, 2010; Macedo Filho, 2010; Souza, 2011; só para citar alguns trabalhos), além de documentários sobre o tema (Venturi e Georgieff, 2006).

Diante disto, propomo-nos aqui a refletir sobre a presença e grande participação das mulheres nos movimentos dos sem-teto brasileiros. Algumas das questões que exploraremos neste artigo são as seguintes: Quem são estas sem-teto? São trabalhadoras? São mães? São jovens? São negras? Por que existem tantas mulheres participando dos movimentos dos sem-teto? Muitas mulheres ocupam lugares nas coordenações dos movimentos? Como estas mulheres veem a luta pela moradia e sua participação dentro dos movimentos? A grande participação das mulheres implica em reivindicações e defesas de pontos considerados como próprios dos movimentos feministas?

Este texto é fruto de pesquisa de doutorado em andamento. Nossas principais fontes são o trabalho de campo realizado nos anos de 2008 e 2009, com os movimentos dos sem-teto de São Paulo, e a leitura de monografias sobre os movimentos dos sem-teto do Brasil, mais especificamente dissertações e teses que discutem a posição das mulheres dentro dos movimentos dos sem-teto da capital paulista e capital baiana.

Breve nota teórica

A questão da articulação das relações sociais de sexo, classe e raça, embora seja antiga, é atualmente objeto de interesse renovado (Falquet, Lada e Rabaud, 2006). No entanto, a análise relacional se dá de maneira diferenciada de acordo com o referencial teórico adotado. Sobre as articulações das relações de classe e sexo, por exemplo, entendemos que as teorias feministas, em especial as marxistas, possuem grandes contribuições. Isso pode ser visto

nos escritos das primeiras décadas do século XX (Goldman, 1917) e também as infinitas discussões, no âmbito do feminismo da “segunda onda”, durante a década de 1970, entre as radicais que concediam primazia ao patriarcado e as socialistas, que se centravam na articulação entre patriarcado e capitalismo, prestando séria atenção às diferenças de classe entre as mulheres (Beechey, 1979). O feminismo radical da segunda onda, ao contrário, caracterizou-se por minimizar diferenças que não fossem as sexuais, às quais conferiam absoluta primazia. Assim, as discriminações vinculadas à classe e raça não encontravam abrigo nessas formulações. (Piscitelli, 2008).

Ao longo dos últimos anos, a preocupação em compreender as diferenças ganha destaque entre as teóricas feministas e, dentre estas, é interessante destacar

a conceituação metafórica utilizada por Kimberlé Crenshaw (2002), representante da vertente feminista sistêmica, a respeito das articulações de categorias. Crenshaw utiliza a ideia de interseccionalidade relacionada à imagem de diversas avenidas, em cada uma das quais circula um eixo de opressão, como sexismo, racismo, patriarcalismo, capitalismo. Há momentos em que dois, três ou mais destes eixos se entrecruzam e o sujeito que ali estiver enfrentará múltiplas vulnerabilidades.

Falquet, Lada e Rabaud (2006) destacam que o objetivo de uma análise interseccional não é substituir um conceito por outro, mas sim articulá-los. As autoras observam que, ao se tratar da interseccionalidade, não podemos colocar uma hierarquização a priori de uma ou outra destas relações. Estas devem ser pensadas conjuntamente e devem ser relacionadas. No entanto, de nossa parte, entendemos que as dimensões sociais podem ganhar maior ou menor relevância de acordo com o contexto social e cultural no qual estão inseridos os agentes analisados.

A partir do exposto e diante do objetivo de compreendermos a participação e as especificidades das mulheres sem-teto, entendemos que, se por um lado é importante considerar as relações sociais de sexo entre os sem-teto, por outro lado, não podemos deixar de identificar a situação de classe destas mulheres sem-teto e compreender como esta situação pode trazer explicações quanto à unidade, às reivindicações e à posição política dos movimentos dos sem-teto.

Sobre as relações de classes, o conceito utilizado aqui é o de classe social, entendido como um fenômeno, ao mesmo tempo, econômico, político, objetivo e subjetivo¹. O plano objetivo está relacionado com a posição dos agentes na estrutura econômica. Condição esta fundamental para se definir uma classe social. No entanto, uma classe só se constitui enquanto tal nos conflitos, nas lutas, no processo de mobilização política que passa pela capacidade de agregar interesses e construir solidariedades. Assim, ao falarmos de classes, estamos, na realidade, tratando das relações de classes.

De acordo com Marx, em *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, o conceito de classe social pode ser utilizado não somente nos momentos em que os agentes da produção estão mobilizados num embate em torno da preservação ou da revolucionarização da ordem vigente (como apresentava o referido autor no *Manifesto do Partido Comunista*), mas também no momento em que os agentes atuam no processo político visando manter ou conquistar posições na distribuição da riqueza ou na balança do poder. O conflito de classes aparece assim como um fenômeno político permanente e das maneiras mais distintas possíveis.

¹A discussão do conceito de classes sociais apresentada aqui se deve, em grande medida, às reuniões de trabalho do grupo Neoliberalismo e Relações de Classes, sediado no Cemarx/Unicamp.

Sobre as relações sociais de sexo, entendemos que esta conceitualização, que está vinculada à ideia de divisão sexual do trabalho e relações de classes, evidencia a existência de relações entre homens e mulheres, em especial, as relações de poder e dominação². O conceito de relações sociais de sexo rompe com qualquer naturalismo no sentido de que “as relações sociais de sexos, como o conjunto das relações sociais, não são de modo algum imutáveis” (Pfefferkorn, 2007: 312).

A situação de classe das famílias dos sem-teto: um olhar para as mulheres

Uma de nossas principais hipóteses de pesquisa é a de que os movimentos dos sem-teto são movimentos constituídos por famílias, o que por sua vez reflete em uma base social muito heterogênea, composta por crianças, jovens, adultos, idosos, homens e mulheres³. Além desta segmentação relacionada à base familiar, encontramos entre os sem-teto outros segmentos, como os negros, migrantes e homossexuais, o que contribui ainda mais para a diversidade dos membros dos movimentos. Defendemos, assim, que existem diferenças entre os comportamentos, necessidades e ações desses membros. Os distintos segmentos, por sua vez, apresentam demandas específicas, as quais podem ser (ou não) atendidas pelos movimentos dos sem-teto. Neste artigo, como assinalamos, analisaremos o segmento das mulheres sem-teto.

Mas, ora, mesmo diante desta diversidade, há algo que une estes diferentes membros dos movimentos e as famílias de sem-teto. O que seria? Defendemos, então, que as famílias dos sem-teto pertencem, no plano objetivo, às classes trabalhadoras e, mais especificamente, a uma camada destas classes. Camada esta que parte da literatura marxista latino-americana denomina de massa marginal⁴.

O conceito de marginalidade é utilizado aqui dentro de uma vertente histórico-estrutural e se refere a um modo específico de inserção nas estruturas de produção. Trata-se, assim, de pensar a marginalidade dentro do conjunto de

²O conceito de relações sociais de sexo é desenvolvido principalmente na França a partir dos anos 80. Sobre as diferenças e semelhanças entre a conceitualização de “gênero” e “relações sociais de sexos”, consultar Pfefferkorn (2007).

³Gonçalves (2005) fala que para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), a luta pela terra é considerada uma luta da família. Neste sentido, defendemos que os movimentos dos sem-teto também apresentam uma luta da família por moradia.

⁴Devido à limitação do espaço, não entraremos no debate a respeito do conceito de massa marginal no que se refere às suas funcionalidades ao capitalismo e sua atualidade. Sobre esta discussão ver nossa dissertação de mestrado (Oliveira, 2010) e, de maneira mais detalhada, o artigo “*Contribuições das teses marxistas da marginalidade para a análise das classes trabalhadoras e dos movimentos sociais*”, escrito juntamente com Carolina Filho (Filho; Oliveira, 2012).

relações entre capital e trabalho e não no sentido de que está de fora da economia capitalista. O debate da marginalidade se inscreve na idéia da contradição necessária e fundamental entre acumulação capitalista e miséria, ou melhor, na contradição entre acumulação de capital e existência de superpopulação. Os teóricos da marginalidade - dentre os quais podemos destacar o brasileiro Lúcio Kowarick (1975), o argentino José Nun (1972) e o peruano Aníbal Quijano (1978) - estão preocupados em caracterizar a superpopulação relativa e discutir seus efeitos (Filho; Oliveira, 2012).

Interessa-nos aqui a caracterização de tal camada pertencente às classes trabalhadoras e a possibilidade de relacioná-las com os sem-teto. Os trabalhadores⁵ que estão inseridos na massa marginal são os desempregados e também os que não se encontram no setor das grandes corporações monopolistas (fora do tipo dominante de organização produtiva) (Nun, 1972).

A massa marginal compreende ainda os assalariados dos setores menos modernos, onde as condições de trabalho são mais rigorosas, as leis sociais têm escassa aplicação e as remunerações oscilam em torno do nível de subsistência.

Para Kowarick (1975), os trabalhadores assalariados sofrem uma exploração intensiva, enquanto os que estão inseridos nos grupos marginais sofrem uma exploração extensiva: baixa remuneração e divisão de tarefas e tecnologias rudimentares.

Os trabalhadores da massa marginal seriam aqueles que encarnam tanto as “novas” relações de produção não tipicamente capitalistas quanto as “velhas” formas de produção que o capitalismo, no processo de sua expansão, cria e recria. Assim, os grupos marginais seriam os desempregados, trabalhador intermitente e trabalhador de setores produtivos estagnados ou decadentes (produção artesanal e indústria em domicílio), empregados domésticos, trabalhador autônomo do comércio de mercadorias (ambulantes) e prestação de serviços. Kowarick observa que os trabalhadores marginais não possuem uma posição estável, ora estão desempregados, ora fazem “bicos”, ora são subcontratados.

Ao levantarmos algumas das principais ocupações e atividades exercidas pelos sem-teto, notamos que, de fato, a inserção dos trabalhadores sem-teto na estrutura produtiva se dá da maneira marginal, como a descrita aqui.

Constatamos que muitos dos sem-teto se encontram desempregados e as principais ocupações são: pedreiro, ajudante/servente de pedreiro, auxiliar de entregas, cobrador de lotação, caminhoneiro, garçom, lavador de carros, camelô,

⁵Utilizamos “os trabalhadores” e “os sem-teto”, em um sentido plural, considerando os homens e as mulheres. Isso vai se repetir durante todo o texto.

ambulante, comerciante, catador de material reciclado, ajudante geral, auxiliar de serviços gerais, mecânico, pintor de paredes, soldador, doméstica, diarista, cozinheira, garçõete, auxiliar de enfermagem, aposentada, costureira, ex-lavradora e dona de casa (Oliveira, 2010).

É interessante frisar que grande parte da bibliografia sobre os sem-teto no Brasil tem destacado como uma das principais atividades dos sem-teto, tanto homens quanto mulheres, a catação de materiais sólidos para reciclagem. E, como consequência, os movimentos dos sem-teto têm tido uma preocupação de garantir esta fonte de renda aos sem-teto de suas bases. Assim, muitas das ocupações dos prédios vazios realizadas pelos movimentos acabam por reservar um espaço para que os catadores guardem estes materiais e, posteriormente, façam sua seleção.

Uma outra atividade que aparece com bastante frequência é a de vendedor e vendedora ambulante. O material que é vendido pelos sem-teto camelôs varia desde frutas e balas até bolsas e brinquedos. Por exemplo, Ramos (2009) relata como se dava a montagem de bonecas de plástico dentro de uma das ocupações no centro de São Paulo e que, posteriormente, estes brinquedos eram vendidos pelos sem-teto.

As atividades realizadas pelos trabalhadores sem-teto variam de acordo com as condições das cidades em que vivem. Neste sentido, a pesca é para alguns dos sem-teto soteropolitanos e baianos uma atividade que traz renda e uma maneira de garantir o alimento da família. É importante notar que a pesca é uma atividade realizada por homens e mulheres.

As famílias dos sem-teto passam a adotar estratégias diversas para sanar suas necessidades. Assim, podemos destacar como uma estratégia de sobrevivência das famílias de sem-teto o fato de mulheres e crianças passarem a trabalhar para contribuir com o orçamento familiar. Como consequência, há um rompimento da assimilação do pai quanto provedor (econômico) da família, embora, mesmo nestes casos, o pai possa ainda manter a posição de autoridade dentro do núcleo familiar. No entanto, este rompimento não acontece sem conflitos (Sarti, 1994).

Sobre as mulheres sem-teto é importante destacar que em muitas famílias elas são as chefes, tanto pelo fato de não possuírem um companheiro, quanto pelo fato de serem elas as provedoras econômicas da família e, portanto, quem garante a sobrevivência dos filhos.

Como a bibliografia tem demarcado já exaustivamente, as mulheres quando entram no mercado de trabalho passam a enfrentar uma dupla jornada de trabalho: fora de casa (no nosso caso, fora da ocupação) e dentro de casa (no nosso caso, nos barracos improvisados no interior dos prédios e terreno ocupados). E, ainda, ao tratarmos especificamente da mulher trabalhadora sem-teto, podemos traçar

a “terceira jornada”: a dedicação às atividades dos movimentos dos sem-teto.

De acordo com Gonçalves (2003), a categoria de trabalhos não qualificados se feminiza cada vez mais. O setor terciário é gueto ocupacional feminino e a concentração é, sobretudo, no emprego doméstico. A inserção da mulher no mercado de trabalho se dá em condições precárias e de inseguranças, má remuneração e perda da proteção oferecida pela legislação. Entendemos que são essas trabalhadoras mal remuneradas e sem grande qualificação profissional, diríamos, trabalhadoras da massa marginal, que são as mulheres que participam dos movimentos dos sem-teto.

Assim, os sem-teto, homens e mulheres, são trabalhadores muito pobres e, portanto, não têm como garantir para sua família condições mínimas de existência. Essas pessoas vivem no constante dilema entre pagar o aluguel ou comprar alimentos. Alguns desses indivíduos dependem da boa vontade de parentes e amigos para terem onde morar. Muitos ainda são inquilinos, mas são constantemente ameaçados de despejo ou, ainda, moram em péssimas condições em cortiços e favelas. Há aqueles que se encontram nas ruas e albergues. Logo, a conquista de uma moradia digna torna-se algo urgente e necessário para sua sobrevivência e de sua família⁶.

Todos que estão nos movimentos dos sem-teto se encontram numa mesma situação socioeconômica e percebem isso. Eles partilham as mesmas carências e lutam pela mesma coisa, no limite: uma moradia digna para suas respectivas famílias.

A luta por moradia trata-se, então, de uma luta política. Temos aqui agentes atuando no processo político visando conquistar posições na distribuição da riqueza. Conforme observamos anteriormente, entendemos isso como luta de classes.

Entendemos que a demanda principal dos movimentos dos sem-teto, a moradia, existe em decorrência da necessidade e urgência que os sem-teto têm deste bem e que, por sua condição de classe, não conseguem supri-lo, recorrendo assim aos movimentos de moradia. Dessa maneira, podemos indicar que o principal fator que está na origem da participação das mulheres nos movimentos dos sem-teto é a sua necessidade de moradia.

⁶Devido à deterioração da situação econômica de algumas parcelas das classes trabalhadoras, essas se veem obrigadas a se organizar e lutar por coisas tidas como elementares, como comida, moradia, terra e emprego. Os movimentos sociais de urgência seriam, portanto, aqueles que lutam por condições básicas e urgentes que garantam minimamente a existência física de seus membros. Sobre as lutas de urgência na Europa, ver Mouriaux (2002) e para algumas considerações sobre os movimentos de urgência no Brasil, consultar Boito Jr (2002).

Examinando o caso das mulheres sem-teto e as relações de classes e sexos, poderíamos encontrar outros por quês para a participação feminina entre os sem-teto? Existiriam especificidades em suas demandas? Como elas participam dos movimentos?

Poderíamos citar primeiramente a questão da maternidade. Não é raro encontrarmos muitas mulheres, chefes de famílias, que vão com seus filhos lutar por uma moradia, unindo-se aos movimentos dos sem-teto. Em algumas entrevistas com as bases dos movimentos, muitas mulheres diziam estar naquela luta, nas situações precárias das ocupações, por causa de seus filhos, como tentativa de dar uma vida mais digna para eles. É comum encontrarmos a presença de inúmeras mulheres grávidas ou com bebês, que participam das ocupações, inclusive, algumas delas entram em trabalho de parto durante os momentos críticos das ações de reintegrações de posse⁷.

Outro fator que pode justificar a grande participação das mulheres nas ocupações é a violência doméstica. Muitas mulheres tomam coragem e saem de casa com seus filhos e vão para as ocupações dos sem-teto, onde são acolhidas. Dentre as normas da organização interna das ocupações, a violência contra a mulher é uma das coisas mais intoleráveis, podendo levar o agressor à expulsão da ocupação.

Em panfleto distribuído em uma das atividades dos movimentos dos sem-teto de São Paulo, lemos que: “Um em cada quatro lares brasileiros é chefiado por uma mulher. Muitas delas se tornam chefes de família após serem abandonadas ou na tentativa de fugir da violência doméstica. É com elas que costumam ficar as crianças e os idosos”⁸. Diante desse quadro, existem diversos programas habitacionais de interesse social que priorizam o atendimento da mulher como beneficiária. Este é o caso, por exemplo, dos programas habitacionais da cidade de São Paulo e do programa federal *Minha casa, minha vida*. Em relação a este, em caso de divórcio ou dissolução de união civil estável, a propriedade da casa financiada pelo programa ficará com a mulher. Há previsão apenas de uma exceção: quando o casal tiver filhos e a guarda for exclusiva do pai.

Neste sentido, é interessante notar que a prioridade do atendimento às mulheres ocorre não porque elas são mulheres, mas sim porque são mães e chefes de famílias, sendo então consideradas como as responsáveis pelos cuidados dos filhos.

⁷Uma parte da tese de Macedo Filho (2010) é dedicada ao pensamento maternal e ao maternalismo no Movimento de Sem-Teto de Salvador/Bahia.

⁸“Moradia em nome da mulher” – panfleto explicativo sobre o projeto de lei municipal de São Paulo apresentado pelo vereador Nabil Bonduk, do Partido dos Trabalhadores (PT), e aprovado no ano de 2004.

Ao evidenciarmos a forte presença das mulheres nos movimentos dos sem-teto, não desconsideramos a participação dos homens. Certamente, estes também estão presentes nos movimentos e participam das atividades. E, para sermos “justos” em nossa análise, também existe a “questão da paternidade” em que muitos pais se aproximam dos movimentos de moradia em busca de dias melhores para seus filhos.

Mulheres: identidades e papéis assumidos nas famílias e nos movimentos dos sem-teto

Entendemos que ser sem-teto é fazer parte de uma determinada categoria social, é contribuir para uma construção identitária que se dá no cotidiano da luta pela moradia e, portanto, na militância dos movimentos dos sem-teto. Diríamos então que o sem-teto se define não apenas por ser uma pessoa com uma condição socioeconômica desfavorável e não possuir uma moradia, mas também pela sua ação política, por estar participando de um movimento que tem como reivindicação principal a conquista de uma moradia.

Portanto, o conceito que utilizamos aqui de sem-teto deve ser entendido em sua dimensão política e econômica. O sem-teto é fruto de condições objetivas, mas só pode ser entendido em sua amplitude quando pensamos em sua constituição enquanto sujeito político. É disso que falamos aqui: mulheres sem-teto enquanto sujeitos políticos.

É muito comum encontrarmos uma resistência inicial entre as famílias que chegam aos movimentos no que se refere à participação nas realizações de ocupações dos imóveis. Aparece aqui o pensamento de se estar fazendo algo errado ou ilegal. Realizar uma ocupação significa adentrar sem autorização em uma propriedade, seja ela pública ou privada, em um terreno ou um prédio vazio. Assim, muitos dos sem-teto, principalmente as lideranças dos movimentos, são facilmente acusados de invasão de propriedade privada, arrombamento ou depredação. Dessa maneira,

(...) Essas ações, muitas das vezes, são a base do funcionamento do movimento, logo não tem importância secundária nem são irrelevantes. Como fazer funcionar uma Ocupação, sem “invadir” a propriedade privada, sem desobstruir sua entrada, e sem manter condições mínimas de vida para o ser humano com “gatos” de água e luz? (...) (Cloux, 2008: 203).

Percebe-se então que, para os sem-teto se inserirem de vez nos movimentos, eles devem romper com morais e ideias que estão no seio da sociedade capitalista de modo a questionar, por exemplo, o direito burguês e, assim, contestar “o sagrado direito da propriedade” diante do direito à moradia.

Após vencer esta primeira barreira e, enfim, participar de uma ocupação, o sem-teto passa a viver nos imóveis ocupados e estabelecer novas relações de vizinhanças. Assim, vai se construindo um entendimento da existência de interesses em comum, levando os sem-teto a construir uma grande solidariedade entre si.

O relato da sem-teto Jomarina, uma das coordenadoras do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) de São Paulo, apresenta-nos algumas pistas sobre estas relações:

(...) eu sempre arrumo um grupo e levo na pinacoteca com as crianças. Mas quando a gente passa assim, uns dois três meses sem ir, eles já ficam me perguntando “o tia, quando a gente vai na pinacoteca?”, “o tia, quando a gente faz isso?”. É incrível. “O tia, quando que tem uma festa assim?”. Então eu imagino essas crianças saindo né, e ir pra outro local, mesmo se cada um conseguir ir pra um prédio, uma casa individual, as próprias crianças vão sentir falta. Porque à tarde quando vindo da escola, eu fico ali na portaria eu vejo assim, por exemplo, um, uma pessoa aqui, um pai ou uma mãe, eles vão na escola eles trazem assim, umas cinco crianças né, do andar, eles trazem junto do andar. Ou então, de manhã leva, e as próprias crianças já estão acostumadas com isso, ir junto pra escola, vim junto, ir pra pinacoteca. (...)

Então isso eu sei que é todo mundo que vai sentir falta disso, de viver na comunidade.

(Relato de Jomarina Pires da Fonseca moradora da ocupação Prestes Maia, entrevista gravada em 04/03/2007. In Ramos, 2009: 80).

As mulheres sem-teto se apresentam com diferentes idades, desde crianças, jovens, adultas até as mais velhas. Muitas delas são negras - isto é destacado principalmente entre os pesquisadores dos movimentos dos sem-teto da Bahia (Cloux, 2008; Macedo Filho, 2010; Souza, 2011). E muitas das que estão nos movimentos dos sem-teto de São Paulo são migrantes, geralmente mulheres da região nordeste do país.

Além de ser notória a presença das mulheres nas bases dos movimentos dos sem-teto no Brasil, é comum serem elas as coordenadoras dos movimentos e as grandes lideranças das ocupações e acampamentos. No entanto, é necessário destacar que, na maioria dos movimentos, esta coordenação é partilhada entre homens e mulheres – uma exceção talvez se apresente no Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) de São Paulo em que poucos são os coordenadores homens do movimento.

De acordo com Macedo Filho e Regino (2007), as mulheres quando participam dos movimentos sociais podem romper com as relações de poder construídas no âmbito familiar modificando assim o seu cotidiano e os padrões morais.

Assim, a participação das mulheres é quase sempre acompanhada de resistência por parte dos pais, maridos e filhos. Os autores destacam ainda que, quando as mulheres se engajam nos movimentos dos sem-teto e saem do privado para o público, elas se envolvem em novos saberes e novas relações.

Neste sentido, os relatos abaixo são ilustrativos:

A partir do momento que eu vim para o movimento, eu aprendi muita coisa. Nossa, porque quando eu morava lá na periferia, que eu trabalhava em casa de família, chegava o final de semana, aí eu vou lavar roupa, fazer isso, cuidar de casa... a partir do momento que eu entrei pra vim pra dentro do MSTC, eu aprendi muita coisa, coisas que eu nem sabia que existia. Por exemplo, hoje em dia eu vou numa mesa de negociação, vou no gabinete do vereador, deputado, qualquer coisa... vou sem medo, né? Antigamente, meu Deus, pra chegar perto de um vereador, ou de um deputado era “a meu Deus, é coisa de outro mundo!”. Hoje não, hoje eu já vou sem medo (...).

(Relato de Jomarina Pires da Fonseca, moradora da ocupação Prestes Maia, entrevista gravada em 04/03/2007. In: Ramos, 2009: 81).

“Neti”, Ivaneti Araújo, uma das lideranças do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), de São Paulo observa:

Eu digo assim, por uma necessidade minha, eu consegui sair do corte da cana, do trabalho doméstico, vim para a luta, defender a causa social do trabalhador de baixa renda, consegui levar as propostas para fora, não saí de Guariba, de Ribeirão Preto para nada. Fui para Belo Horizonte discutir com outras entidades, fui para Brasília. Muitas vezes eu paro assim, quando a ficha cai, eu falo: “Meu Deus, hoje, eu tô sentada com o governo federal!” [com ênfase]. Discutindo propostas dentro de um âmbito para atender nossas famílias, que realmente necessitam. Estudo eu não tenho, mas o conhecimento, com o cacete que a gente vem tomando aí, pegou um certo conhecimento. (Aquino, 2009: 80-81).

Os dois relatos ressaltam a questão de as mulheres sem-teto estarem hoje na esfera pública, “sentada com o governo federal” ou “no gabinete do vereador, do deputado”. Mulheres que, por exemplo, deixaram de utilizar o domingo para fazer as tarefas domésticas e passaram a organizar e presidir uma assembléia repleta de famílias de sem-teto. A participação das mulheres nos movimentos dos sem-teto pode contribuir também com modificações nas relações de sexo e dominação no interior das famílias. Neste sentido, o discurso da sem-teto baiana é um indicativo:

Tem muitas mulheres que tem vergonha de ser sem-teto. Mas muitas são separadas e não tem condições de ter teto. Mas eu digo: eu tenho orgulho de participar do movimento. Porque eu quero ter meu teto e não depender de homem. E é

isso que todas as mulheres deveriam pensar (Depoimento de Carla, sem-teto do Movimento dos Sem-Teto de Salvador/Bahia. In Pronzato, 2004).

Podemos verificar que os movimentos dos sem-teto contribuem para a construção de uma contestação em relações aos valores capitalistas, por exemplo, quando a propriedade privada é confrontada pelo direito à moradia. No mesmo sentido, a mulher sem-teto, inserida no movimento de moradia, pode vir a refletir sobre a relação de dominação masculina em que vive e perceber sua capacidade de atuar nos espaços públicos.

Compreendemos que estas reflexões e contestações, que podem levar a mudanças sociais, tudo isso se apresenta como um processo e que, por ora, podemos apenas destacar suas potencialidades. É importante notar que este processo de politização, de emancipação, não é algo que vai apenas em uma direção e em um mesmo ritmo. Há constantes “idas e vindas” e que muitas das famílias sem-teto ainda são importantes reprodutoras da ordem vigente.

Um primeiro exemplo disso é a essencialização do papel materno por parte das jovens mães sem-teto. Souza (2011), ao realizar uma pesquisa somente com as mães jovens sem-teto do Movimento Sem-Teto de Salvador/Bahia (MSTS/MSTB), percebe que as crianças são encaradas como “filhos da mãe”. Em relação aos pais, estas mães esperam a tarefa de prover o sustento da criança. Há assim uma “naturalização *dos papéis de mãe/cuidadora/privado e pai/provedor/público*”.

A mãe da mãe, ou seja, a avó materna tem um papel fundamental, pois nas relações desiguais de sexo existentes, cabem às mulheres os principais cuidados e responsabilidades com os filhos, constituindo assim, nas relações familiares, uma “rede feminina de solidariedade e apoio para cuidar das crianças” (Dias; Aquino, 2006:448. Apud Souza, 2011: 110). Dessa maneira,

A mãe e a avó materna são as figuras de destaque nas narrativas das jovens entrevistadas. Elas estão presentes desde o momento da descoberta da gravidez e participam da decisão em interromper ou levar a gravidez adiante. E, na sequência do parto, nos cuidados com a prole. São as chamadas redes de apoio constituídas pelas mulheres sejam do grupo familiar ou não. (Souza, 2011: 110).

Ainda para exemplificar as desigualdades nas relações de sexos dentro dos movimentos dos sem-teto, podemos citar o fato de que muitas das mulheres sem-teto permanecem submissas aos seus maridos, dependendo de suas permissões para poder participar das reuniões e assembléias das ocupações e outras atividades propostas pelos movimentos. O relato abaixo apresenta isto de maneira muito clara:

Ele [o meu companheiro] participa do Movimento mais do que eu, porque quando tem as reuniões é uma raridade ele deixar eu ir. Ele quer que eu fique dentro de casa olhando os meninos, ele não deixa eu sair, não tem jeito. Ele diz ‘fique aqui, vai fazer o que lá embaixo, não tem nada pra você fazer lá embaixo. Tem que ficar em casa’ E eu fico calada, porque se eu for falar alguma coisa a gente vai acabar se estranhando dentro de casa (Ametista – nome fictício de uma das integrantes do Movimento Sem-Teto de Salvador) (Souza (2011: 103).

Por fim, uma última observação sobre a desigualdade nas relações de sexos, consiste na divisão sexual do trabalho que, por sua vez, encontra reflexos na divisão de tarefas nas ocupações de prédios e terrenos realizadas pelos sem-teto. Geralmente, a portaria e segurança das ocupações ficam por conta dos homens, enquanto a parte da limpeza fica para as mulheres. As famosas cozinhas comunitárias, coletivas, são coordenadas principalmente por mulheres, enquanto isso, os homens são naturalmente considerados como “retraídos para a cozinha”.

Considerações finais

Para que os movimentos dos sem-teto sejam bem compreendidos, devemos conhecer a fundo suas bases sociais, compostas por segmentos muito diversificados. Ao tratarmos da participação das mulheres nos movimentos dos sem-teto, inspirados de certa maneira em um “marxismo feminista”, evidenciamos em nossa reflexão as relações sociais de classes e sexos⁹. Considerando as duas principais relações sociais em destaque neste artigo, podemos dizer que, se em última instância os movimentos dos sem-teto são frutos de uma relação social desigual de classes sociais, ao organizarem a luta por moradia entre os trabalhadores sem-teto, estão, na verdade, organizando uma luta de classes (no sentido definido anteriormente). No que se refere às relações de sexos presentes nos movimentos, estas também são conflituosas e, como mostramos ao longo deste texto, estes conflitos geram avanços e recuos e incidem diretamente na luta de classes.

⁹As relações de raça poderiam ter sido também analisadas e articuladas aqui, o que possibilitaria um entendimento mais profundo a respeito das mulheres sem-teto, pois muitas delas são negras. Questões a serem objeto de nossas reflexões futuras.

Bibliografia

- AFFONSO, Elenira Arakilian (2010). *Teia de relações da ocupação do edifício Prestes Maia*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo.
- AQUINO, Carlos Roberto Filadelfo de (2009). *A coletivização como processo de construção de um movimento de moradia: uma etnografia do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Paulo: Faculdade de Letra, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- BOCHICCHIO, Silvia (2008). *Movimento dos Sem-Teto de Salvador: estratégias de apropriação dos espaços e territorialização*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Salvador: Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia.
- BOITO JR., Armando (2002). Neoliberalismo e relações de classes no Brasil. *Idéias – Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, ano 9, n. 1. Campinas: Unicamp/IFCH.
- CLOUX, Raphael Fontes (2008). *MSTs: a trajetória do Movimento dos Sem Teto de Salvador/Bahia*. Salvador: Ed. do autor.
- CRENSHAW, Kimberlé (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*. v. 10 n. 1. Florianópolis/UFSC. Disponível em: www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112009-090343crenshaw.pdf. Acessado em junho de 2012.
- FALQUET, Jules; LADA, Emmanuelle; RABAUD, Aude. (2006). Introduction – (Ré) articulation des rapports sociaux de sexe, classe et ‘race’. *Les Cahiers du CEDREF*, n. 14, Paris.
- FILHO, Carolina F.; OLIVEIRA, Nathalia C. (2012). Contribuições das teses marxistas da marginalidade para a análise das classes trabalhadoras e dos movimentos sociais. In: *Anais do VII Colóquio Marx e Engels*. Campinas: Unicamp. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/6341_Filho_Carolina.pdf. Acessado em julho de 2012.
- GONÇALVES, Renata (2005). Acampamentos: novas relações de gênero (con)fundidas na luta pela terra. *Lutas Sociais*, n.13/14, São Paulo.
- _____ (2003). Dinâmica sexista do capital: feminização do trabalho precário. *Lutas Sociais*, n. 9/10. São Paulo.
- KOWARICK, Lucio (1975). *Capitalismo e marginalidade na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- MACEDO FILHO, Renato (2010). *Onde mora a cidadania? Visibilizando a participação das mulheres no movimento sem teto – Salvador/BA*. (Doutorado em estudos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo). Salvador: Faculdade de Filosofia e ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.
- _____ ; REGINO, Fabiane Alves (2010). Mulheres, mães e movimento sem-teto: o discurso maternalista e a construção da cidadania. In: *Anais do Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis: UFSC.
- _____ (2007). Onde mora a cidadania? visibilizando a participação das mulheres no movimento sem teto – Salvador/BA. In: *Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia*. Florianópolis: UFSC.
- MIRANDA, Luiz César dos Santos (2008). *Vizinhos do (in)conformismo: O Movimento dos Sem Teto da Bahia entre a hegemonia e a contra-hegemonia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Bahia, Salvador.
- MOURIAUX, René (2002). Reanimação das lutas sociais e a esquerda na Europa hoje. *Crítica Marxista*, n. 14, Campinas.
- NUN, José (1978). Superpopulação relativa, exército industrial de reserva e massa marginal”. In: PEREIRA, Luiz (org). *Populações “Marginais”*. São Paulo: Duas Cidades.
- OLIVEIRA, Nathalia C. (2011). Somos sem-teto e é essa privação que nos une. Análise da base social dos movimentos dos sem-teto de São Paulo”. *Desigualdade & diversidade (PUCRJ)*, v. 9.
- _____ (2010). *Os movimentos dos sem-teto da Grande São Paulo (1995-2009)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- PFEFFERKORN, Roland (2007). *Inégalités et rapports sociaux. Rapports de classes, rapports de sexes*. Paris: La Dispute.
- PISCITELLI, Adriana (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e cultura*, vol. 11, n. 2, Goiânia.
- QUIJANO, Aníbal (1978). Notas sobre o conceito de marginalidade social. In: PEREIRA, Luiz (Org). *Populações “marginais”*. São Paulo: Duas Cidades.
- RAMOS, Diana H. (2009). *A guerra dos lugares nas ocupações de edifícios abandonados do centro de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

SARTI, Cynthia Andersen (1994). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SOUZA, Helaine Pereira de (2011). *Mães da resistência: histórias de vida de jovens mães do movimento dos sem teto da Bahia*. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea). Salvador: Universidade Católica do Salvador.

VERRI, Narcisa Beatriz Whitaker (2008). *Os sem-teto do centro de São Paulo: um balanço dos anos 2001-2004*. Tese (Doutorado em Sociologia). Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. 2008.

Documentários:

BRIGADA DE GUERRILHA CULTURAL, do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST): “*Ocupação – João Cândido*”, “*Marcha dos 5000*”, “*Bloqueio Estradas*”, “*Acorrentamento*”, “*Filme: 2 meses e 23 minutos*”.

GRUPO RISCO. “*Frei Tito*” e “*Prestes Maia*”.

MOCARZEL, Evaldo (2006) *À margem do concreto*. Brasil: Estúdio: 24VPS Filmes / Casa Azul Produções.

PRONZATO, Carlos (2012). *Pinbeirinho. Tiraram minha casa, tiraram minha vida*. Documentário, 2012 (45 minutos).

_____ (2006). *Ocupação da Conder*. Documentário. (20 minutos).

_____ (2004). *MSTs – Movimento dos Sem-Teto de Salvador – Organizar, Ocupar, Resistir*. Documentário. (40 minutos).

VENTURI, Toni e GEORGIEFF, Paulo (2006). *Dia de Festa*. Brasil: Co-produção Olhar Imaginário, Grenade Productions, Pássaro Films, Cityzen Television e Neurotika.